

## DOM QUIXOTE E FLORINDA: HERÓIS INCOMPREENSÍVEIS

Ingrid Karina Morales Pinilla (UFAM)<sup>1</sup>  
Rita do Perpetuo Socorro Barbosa de Oliveira  
(UFAM)<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente trabalho é uma análise comparativa de duas obras do século XVII, *O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de la Mancha* de Miguel de Cervantes, e a narrativa portuguesa, *Infortúnios Trágicos da Constante Florinda* de Gaspar Pires de Rebelo. Esta segunda, foi muito apreciada no período de sua publicação, mas deixou de ser editada por mais de um século, ficando praticamente no esquecimento até o ano 2005. Percebe-se que existe uma relação entre os protagonistas de ambas obras, Dom Quixote e Florinda. Ambos adotam uma postura de herói, seguindo o padrão do protagonista da novela de cavalaria *Amadis de Gaula* nas suas transformações e ações heroicas, pois empreendem uma peregrinação sem rumo, guiados por amores de molde platônico e possuem constância representada principalmente em seus propósitos de fidelidade incompreendida. Assim, é proposta desse estudo analisar a relação intertextual das obras citadas. Para tanto, a base teórica constitui-se na noção de intertextualidade de Julia Kristeva, de Tânia Franco Carvalhal e de Vítor Manuel Aguiar e Silva.

**Palavras-chave:** Miguel de Cervantes; *O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de la Mancha*; Gaspar Pires de Rebelo; *Infortúnios Trágicos da Constante Florinda*; Intertextualidade.

### Introdução

O presente estudo analisa os elementos que relacionam de forma intertextual os protagonistas Florinda e Dom Quixote, das obras *O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de la Mancha (Quixote I)*<sup>3</sup>, e *Infortúnios Trágicos da Constante Florinda (Constante Florinda I)*, respectivamente. Para este fim organizamos a nossa análise através de dois segmentos principais. No primeiro, conceituamos intertextualidade. Seguidamente, buscamos a correlação de um dos mais famosos livros de cavalarias, *Amadis de Gaula*, com os romances de Cervantes e Pires de Rebelo.

A melhor obra de ficção de todos os tempos escrita em espanhol, segundo a

<sup>1</sup> Ingrid Morales. Mestranda do PPGL- Estudos Literários. Bolsista FAPEAM. Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: kia\_morales@hotmail.com.

<sup>2</sup> Rita Barbosa de Oliveira. Professora orientadora. Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: ritapsocorro@gmail.com.

<sup>3</sup> Como já é costume nos trabalhos em português sobre a obra de Cervantes, “*Quixote*” refere-se ao livro, enquanto “Dom Quixote”, à personagem principal da história narrada no livro

crítica literária<sup>4</sup>, mais popularmente conhecida como *Dom Quixote de La Mancha* é composta por duas partes: *O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de la Mancha*<sup>5</sup>, de 1605, e *Dom Quixote de la Mancha*, de 1615.

Por outro lado, a obra *Infortúnios Trágicos da Constante Florinda*<sup>6</sup>, foi publicada pela primeira vez em 1625, e sua continuação se deu em 1633, intitulada *Constante Florinda parte II, em que se dá conta dos infortúnios de Arnaldo buscando-a pelo mundo*. O livro completo ficou conhecido pelo título *Constante Florinda*. Esta foi a obra mais popular de Gaspar Pires de Rebelo (nascido em cerca de 1590 e falecido pouco antes de 1643), que, apesar de ter sido um dos escritores portugueses mais reconhecidos no século XVII, como aponta Nuno Júdice nas citações da edição da *Constante Florinda* de 2005, na atualidade pertence a um quase ignorado grupo de prosadores portugueses do Barroco. O citado ensaísta explica:

Duas razões se podem apontar, para lá do nosso desleixo crônico em relação ao passado: o facto de ter vivido sob o período filipino; e, sobretudo a sua inscrição na prosa de ficção barroca, tão desconsiderada como simples jogo formal. (JÚDICE, 2005, p. 10).

Gaspar Pires de Rebelo, com sua *Constante Florinda*, foi um dos autores mais lidos nos séculos XVII e XVIII, mas quase não aparece nos livros de história da literatura portuguesa a não ser de forma muito suscinta ou como rodapé, conforme se verifica no livro de Joaquim Ferreira (1971) no qual autor e obra são descritos brevemente, e em António José Saraiva & Óscar Lopes (1982) são referidos em duas linhas, num curto suplemento ao capítulo destinado a Dom Francisco Manuel de Melo.

## 1. Do conceito de intertextualidade

Antes de abordar a relação existente entre as obras em estudo, revisaremos

---

<sup>4</sup> Em maio de 2002, o Clube do Livro da Noruega e o Instituto Nobel de Oslo reuniram uma comissão de críticos literários de cinquenta e quatro países diferentes para eleger o melhor romance de ficção de todos os tempos. Este grupo escolheu o livro *Dom Quixote de La Mancha*, escrito por Miguel de Cervantes Saavedra (1547-1616)

<sup>5</sup> No presente trabalho o livro *Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de la Mancha* será citado como *Quixote I*.

<sup>6</sup> O livro *Infortúnios Trágicos da Constante Florinda* será citado como *Constante Florinda I*.

alguns postulados teóricos referentes à intertextualidade. Termo cunhado por Julia Kristeva em 1969 apoiando-se nos estudos do dialogismo de Mikhail Bakhtin. De acordo com Bakhtin todo texto é polifônico e apresenta múltiplas relações dialógicas com outros textos, no nível da enunciação. Isso tem um papel fundamental na formulação da intertextualidade, pois como afirma Julia Kristeva na sua obra *Introdução à Semanálise* (1969):

---

Para Bakhtin, saído de uma Rússia revolucionária preocupada com problemas sociais, o diálogo não é só a linguagem assumida pelo sujeito; é uma *escritura* onde se lê o *outro* (sem nenhuma alusão a Freud). Assim, o dialógismo bakhtiniano designa a escritura simultaneamente como subjetividade e como comunicatividade, ou melhor, como *intertextualidade*; face a esse dialogismo, a noção de *pessoa-sujeito da escritura* começa a se esfumar para ceder lugar a uma outra, a da *ambivalência da escritura*. (KRISTEVA, 2005, p. 71).

Conforme a autora, a combinação no dialogismo bakhtiniano das noções de subjetividade e comunicatividade se institui como *intertextualidade* e a escritura se lê como ambivalente. Ela explica essa ambivalência da escritura indicando que “o termo ambivalência implica a inserção da história (da sociedade) no texto e do texto na história; para o escritor essas implicações são uma única e mesma coisa” (KRISTEVA, 2005, p. 71).

Na opinião de Tânia Franco Carvalhal (2003), Julia Kristeva chegou à noção de intertextualidade para designar o processo de produtividade do texto literário que se constrói como absorção ou transformação de outros textos. Assim o processo de escrita é visto como resultante do processo de leitura de um *corpus* literário anterior. Portanto, o texto, é absorção e réplica de outro texto (ou vários outros).

Por sua vez, Vítor Manuel de Aguiar e Silva (2006), seguindo as considerações de Julia Kristeva, conceitua intertextualidade como a interação semiótica de um texto com outro(s) texto(s); e intertexto como o texto ou o *corpus* de textos com os quais um determinado texto mantém aquele tipo de interação.

Aguiar e Silva (2011) distingue dois tipos de intertextualidade de acordo com a natureza do intertexto. Pode ser exoliterária, quando é estabelecida por textos que não pertencem ao âmbito literário; ou endoliterária, quando é estabelecida por obras literárias. Além disso, o diálogo que uma obra literária estabelece com outros textos,

pode ser hetero-autoral, quando uma obra literária dialoga com obras de vários autores; ou homo-autoral, quando uma obra literária dialoga com obras do seu próprio autor.

De acordo com o autor, a intertextualidade pode atuar de modo explícito, quando se apresenta a partir de citações, da paródia e da imitação declarada; ou de modo implícito, oculto ou dissimulado, quando se apresenta por meio de alusões. Também, pode ter uma função corroboradora, quando se manifesta, nas obras literárias, a partir de citações e da imitação declarada, ou seja, quando uma obra literária reafirma, confirma ou exalta outra; ou pode ter uma função contestatária, quando se faz sentir através da paródia, mecanismo pelo qual uma obra literária refuta, invalida ou ridiculiza outra.

Fica evidente que a intertextualidade é um procedimento indispensável à investigação das relações entre os diversos textos, porque como aponta Vítor Manuel de Aguiar e Silva:

O texto é sempre, sob modalidades vanas, um intercâmbio discursivo, uma tessitura polifônica na qual confluem, se entrecruzam, se metamorfoseiam, se corroboram ou se contestam outros textos, outras vozes e outras consciências. (AGUIAR E SILVA, 2011, p. 625).

A importância dos estudos intertextuais também é apontada por Tânia Franco Carvalhal no seu ensaio *Intertextualidade: a migração de um conceito* ao indicar que a intertextualidade se tornou chave para a leitura e um modo de problematizá-la:

Como sinônimo das relações que um texto mantém com um *corpus* textual pré ou coexistente, a intertextualidade passou a orientar a interpretação, que não pode mais desconhecer os desdobramentos de significados e vai entrelaçá-los como a própria origem etimológica da palavra esclarece: *texere*, isto é, tecer, tramar. Daí “intertexto”, que significa “tecer no, misturar tecendo” e, de forma figurada, entrelaçar, reunir, combinar. (CARVALHAL, 2006, p. 128).

## 2. Do herói Amadis de Gaula às transformações de Dom Quixote e de Florinda

*Amadis de Gaula* teria surgido na Península Ibérica em fins do século XIII ou da primeira metade do século XIV. Trata-se de um romance de autoria incerta, que se torna o máximo expoente dos valores cavaleirescos peninsulares.

Para Massaud Moisés *Amadis de Gaula* é o precursor do herói moderno, que, depois vai ser exemplificado em Dom Quixote. O autor explica que nesta obra:

nascem os conflitos que agitam Amadis, não os padronizados pela tradição mas os dum homem complexo, denso psicologicamente: o homem medieval começava a ceder vez ao homem concebido segundo os valores renascentistas, que então entravam a predominar. Amadis anuncia o herói moderno, de largo curso e influência no século XV e no XVI, servindo de elo de ligação entre um mundo que morria, a Idade Média, e outro que despontava, a Renascença. (MOISÉS, 2003, p.47)

O Amadis de Gaula, Donzel do mar, é usado como referência nas transformações dos protagonistas de *Quixote I* e de *Constante Florinda I*. Tais conversões são de Alonso Quixada em Dom Quixote e, de Florinda em Leandro. Na continuação desta análise vamos analisar como atua a intertextualidade de modo explícito, em alguns trechos das obras supracitadas se apresenta a partir de citações diretas e de imitação declarada da figura de Amadis.

No *Quixote I*, conta-se a história de Alonso Quixada, fidalgo culto, inteligente e bastante magro que se entregou à leitura dos livros de cavalaria ao ponto de perder o juízo. Nessa condição, decidiu tornar-se um cavaleiro andante, indo pelo mundo em busca de aventuras. Para este propósito, Amadis de Gaula é o principal ponto de referência do novo cavaleiro. Então, seguindo-o adota o nome de Dom Quixote:

Recordando-se porém de que o valoroso Amadis, não contente com chamar-se Amadis sem mais nada, acrescentou o nome com o do seu reino e pátria, para a tornar famosa, e se nomeou Amadis de Gaula, assim quis também ele, como bom cavaleiro, acrescentar ao seu nome o da sua terra, e chamar-se D. Quixote de la Mancha; com o que (a seu parecer) declarava muito ao vivo sua linhagem e pátria, a quem dava honra com tomar dela o sobrenome. (CERVANTES, 2002, I, 1).

Essa intertextualidade explícita de Amadis no comportamento de Dom Quixote é através da paródia, sendo destacada ao longo da narrativa cervantina. Alonso Quixada se torna Dom Quixote e começa a seguir as leis da cavalaria tornando-se semelhante a Amadis de Gaula, especialmente por ser um cavaleiro muito fiel a sua dama e ser casto. A intenção de imitar o herói do século XV é declarada constantemente por Dom Quixote, especialmente quando diz: “Amadis foi o norte, o luzeiro, e o sol dos valentes e namorados cavaleiros, a quem devemos imitar, todos os que debaixo da bandeira do amor e da cavalaria militamos” (CERVANTES, 2002, I, 25).

Dom Quixote se arma cavaleiro de modo similar ao Amadis (Cervantes, 2002, I, 1),

faz penitencia como o donzel do mar (Cervantes, 2002, I, 24), e rejeita os amores (imaginários) de Maritornes e da princesa Micomicadela para manter sua fidelidade a Dulcinéia.

O Cavaleiro, não permite ser questionado seu amor por Dulcinéia (idealizada) explicando que “ela peleja em mim, e vence em mim; eu vivo e respiro nela; nela tenho vida e ser” (CERVANTES, 2002, I, 33). É por ela e através dela que o cavaleiro tem valor, ele vive no que ela representa.

A constância dos protagonistas, Dom Quixote e Florinda é essencial nas duas obras estudadas, ela é representada nos ideais dos personagens, especialmente em seu propósito de fidelidade.

Na *Constante Florinda I*, conta-se a história da bela e engenhosa Florinda, filha de nobres pais, distinguidos tanto por suas riquezas como por sua nobreza. Ela nasceu na cidade de Saragoça na Espanha. Aos vinte anos de idade, começou a amar Arnaldo, trocavam cartas apaixonadas e conversavam às ocultas nos recôncavos da noite. Entretanto, dom Luís, que era apaixonado por Florinda, ao ser rejeitado por ela, tentou assassinar Arnaldo. Na visão de Florinda, porém, Arnaldo morreu. Florinda por sua vez, vestiu-se de homem, adotou o nome de Leandro, abandonou a família e matou dom Luís. Após esse acontecimento, a jovem começou uma peregrinação sem rumo pelo mundo. Essa transformação da protagonista em homem é comparada com a conversão de Amadis de Gaula em ermitão:

E despojando-se de seus vestidos (qual outro Amadis de Gaula fez dos seus tomando um hábito de ermitão por uma falsa nova que de sua amada Oriana lhe haviam dado) e vestindo-se com o outro de homem que comprado tinha, se desceu abaixo abrindo as portas com muita cautela, e tomando o mais ligeiro e fermoso cavalo que seu pai tinha lhe pôs uma rica sela, e por uma secreta porta do jardim se saiu fora. (REBELO, 2006, p.68).

Usando as roupas de homem e transformada em Leandro, Florinda vingava a morte de seu amado Arnaldo. Como é sabido, as mulheres do século XVII precisavam do seu pai e irmão mais velho para reparar sua honra ou cobrar vingança. Porém, Florinda, arrebatada o seu direito de tomar decisões sobre sua existência e por isso, ela mesma resolve às questões referentes a amor e honra.

Florinda, prometera que se casaria com Arnaldo enquanto ele estava vivo.

Depois que ela acredita na sua morte, faz outra promessa de amor eterno. Anda pelo mundo como homem para cumprir sua promessa e não se deixar persuadir pelas pessoas que a cobiçam.

Florinda é fiel ao seu senhor Arnaldo, da mesma forma que Amadis e Dom Quixote, são servos fieis a suas senhoras Oriana e Dulcinéia. Os três seguem a figura do cavaleiro amante, decerto, o que mais os caracteriza é a força, valentia, honra e maestria nas batalhas. Aliás, as batalhas que enfrentam os três são muito diferentes, eles lutam contra diferentes representações de gigantes e inimigos.

Florinda, travestida em Leandro, enfrenta agitadas aventuras mascaradas na denominação de infortúnios. Depois de ter conseguido sua vingança e ter fugido, novamente tem que matar, mas dessa vez o morto é um leão, isto para proteger sua vida. Depois é escolhido para ser juiz numa briga de varões. Também, participou de uma competição com quatro letrados, sendo reconhecida e admirada por seu bom desenvolvimento intelectual. Morou numa ermida adquirindo sabedoria em condição de ermitão. E também foi presa várias vezes. Numa de suas prisões, ela solicita ajuda da irmã do duque que a aprisionou para ser liberada, por meio de uma carta. Para conseguir seu propósito compara sua situação com uma acontecida a Amadis de Gaula:

Bem sei que direis há de estar o que peço na mão do Duque, meu senhor, e não em a vossa. Mas a isso respondera, que pera fazer bem não há dificuldades, e todos os inconvenientes atropela que quer remediar males. Não faltavam estes à piadosa Bravanda, irmã daquele fero e espantoso encantador Archalaus, quando tendo em ásperas prisões metido ao esforçado Amadis de Gaula, a quem confesava por seu capital inimigo, pois tinha pregado em as portas de seu castelo um cartel de aviso, em o qual ameaçava a que o soltasse da prisão em que estava com o mesmo castigo que para ele aparelhava, que por buscar novos modos de tormentos se lhe dilatava a vida; quando atropelando tão grandes dificuldades deu ordem com que Amadis se saísse uma noite, pondo outro com seus vestidos na prisão, e ele se foi e ficou livre. (REBELO, 2006, p.162).

Florinda, assim como Dom Quixote, adota comportamentos que seguem o padrão de Amadis, embora a maioria seja de forma implícita, tais como a conversão em ermitã como penitência à lealdade do seu amor; a rejeição a pessoas que a cobiçam e a constância em sua lealdade a seu amante aparentemente falecido.

Assim a figura de Amadis de Gaula tem diferentes relações intertextuais com as

obras estudadas. No *Quixote I* sua função é contestatária na forma de paródia e na *Constante Florinda I* é corroboradora, destacando o caráter forte e transgressor da protagonista.

É importante ressaltar que as relações dos protagonistas com a figura do herói Amadis não é ingênua, ela tem uma carga ideológica operando. Vítor Manuel Aguiar e Silva explica que toda intertextualidade nunca é ideologicamente inocente ou asséptica, reenviando sempre, embora de modo dissimulado, oblíquo e até oculto, a uma cosmovisão, a um universo simbólico em que se acredita ou que se denega.

Através da figura de Amadis de Gaula, ressaltam-se as características heroicas de Dom Quixote e de Florinda. Pois, no Donzel do mar resume-se muito bem as principais características do herói de cavalaria. Este, empreende, ao longo de sua vida, uma busca que termina com o recebimento de um galardão divino; enfrenta ao longo de sua demanda, seres poderosos e mantém constância e lealdade ao seu amor. Essa última característica é ressaltada por Joaquim Ferreira (1971) como uma grande inovação do herói de Gaula, “o Amadis pode figurar com o ideal típico da constância no amor”.

Portanto, Dom Quixote e Florinda seguindo o padrão de Amadis, mantem um percurso de luta com seres poderosos que tentam desvia-los de seus objetivos, porém eles vencem. Mantêm-se constantes na sua lealdade e finalmente recebem o galardão que tanto desejavam, o Cavaleiro ganha fama e sua história é difundida, e Florinda encontra seu amado que ela dava por morto.

## Conclusões

Na *Constante Florinda I* e no *Quixote I*, a figura heroica de Amadis de Gaula traça o caminho a ser percorrido pelos protagonistas. Porém, a intertextualidade de Amadis de Gaula no *Quixote I* tem uma função contestatária, visto que Dom Quixote é uma paródia dos heróis da cavalaria.

Por outro lado, as referências intertextuais de Amadis na *Constante Florinda I* são corroboradoras, isto porque afirmam o caráter heroico da protagonista de forma dissimulada. Apesar da dimensão moderna com a qual é apresentada a protagonista, deve ter-se em conta que Pires de Rebelo pertencia a uma sociedade predominantemente masculina e conservadora. Por isso, parece necessário usar o recurso do travestismo e as referências



implícitas e explícitas ao herói Amadis de Gaula para permitir a Florinda realizar ações e deslocamentos que adquirem um caráter simbólico, porque lhe são proibidos sem disfarce, simplesmente por ser mulher.

## Referências

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. *Teoria da Literatura*. 8. ed. Coimbra: Almedina, 2006, p. 625.

CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura Comparada*. 4a. São Paulo: Ática, 2003.

\_\_\_\_\_. Intertextualidade: a migração de um conceito. *Via Atlântica USP*, São Paulo, no 9, jun/2006. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50046>> Acesso em: 17 jul. 2014.

CERVANTES, Miguel. *Don Quijote de la Mancha*. Edición y notas de Francisco Rico. Perú: Santillana, 2008. 1333 p.

\_\_\_\_\_. *Dom Quixote de La Mancha*. Tradução ao português dos Viscondes de Castilho e Azevedo. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda., 2002. Disponível em: <[www.dominiopublico.gov.br](http://www.dominiopublico.gov.br)> Acesso em: 03 set. 2014.

FERREIRA, Joaquim. *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Domingos Barreira, 1971.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise*. Tradução de Lucia Helena França Ferraz. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

LOBEIRA, João. *Amadis de Gaula*, de João Lobeira / Seleção, tradução, argumento e prefácio de Rodrigues Lapa. 6. ed. Lisboa: Seara Nova, 1973.

MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 2003.

REBELO, Gaspar Pires de. *Infortúnios Trágicos da Constante Florinda*. Org., notas e posfácio de Adma Muhana. São Paulo: Globo, 2006. 394 p.

\_\_\_\_\_. *Infortúnios Trágicos da Constante Florinda*. Org., e notas de Nuno Júdice. Lisboa: Teorema, 2005. 514 p.

SARAIVA, António José; LOPES, Óscar. *História da Literatura Portuguesa*. 12. ed. Porto: Porto Editora, 1982.